

A UE precisa enfrentar Trump

Por Joseph Stiglitz

Valor, 13/10/2025

A UE deve seguir o exemplo de Lula, que deixou claro que algumas coisas não podem ser comprometidas

Em 27 de julho de 2025, os Estados Unidos e a União Europeia (UE) anunciaram um acordo preliminar de comércio e investimento em Turnberry (Escócia). Mas nada foi assinado de fato e, mesmo que tivesse sido, não teria valor algum. Afinal, o presidente dos EUA, Donald Trump, assinou um acordo comercial formal com o Canadá e o México durante seu primeiro mandato, mas o rasgou assim que voltou ao cargo.

Ainda assim, vale a pena lembrar os detalhes do acordo de Turnberry, porque alguns deles eram bastante peculiares. Dado que a Europa tem 30% mais habitantes e uma economia apenas ligeiramente menor (em termos de poder de compra) do que os EUA, a teoria padrão de negociação implicaria que qualquer acordo seria aproximadamente simétrico. Em vez disso, foi totalmente unilateral. Além dos EUA imporem tarifas injustas sobre as importações europeias, a Europa se comprometeu a investir nos EUA e a comprar energia americana.

Contudo, é claro que a UE não pode prometer tal coisa. Como eu aponte de brincadeira aos negociadores comerciais da UE, a Europa não é (ainda) uma economia centralmente planejada. A UE não pode forçar os europeus a fazer investimentos ou compras específicas; os números de Turnberry foram oferecidos apenas para apaziguar Trump, permitindo-lhe gabar-se de ter usado o poder dos EUA para reivindicar mais uma vitória e extrair mais valor das cadeias de abastecimento globais. Quem se importa se o direito internacional foi pisoteado? É simplesmente o que as grandes potências fazem. Basta olhar para a Rússia, com sua guerra de conquista contra um vizinho pacífico.

Como eu esperava, o cessar-fogo não durou. Menos de um mês depois, Trump voltou a ameaçar a Europa, desta vez por causa da Lei dos Mercados Digitais, que visa garantir a concorrência no mercado, e da Lei dos Serviços Digitais, que visa mitigar os danos impostos à Europa pelas plataformas digitais. Entre outras coisas, a UE exige alguma “moderação de conteúdo” para evitar o tipo de amplificação algorítmica do incitamento à violência e à desinformação que teve consequências tão desastrosas em Mianmar, e insiste em tributar as grandes empresas de tecnologia (que empregaram suas mentes brilhantes não só para atrair usuários, mas também para evitar impostos).

Ao contrário do que Trump parece pensar, essas regulamentações não são discriminatórias contra os EUA e seus gigantes da tecnologia. Elas são aplicadas de modo uniforme a todas as empresas que operam na UE. Representam o

resultado de um longo processo deliberativo no qual os reguladores e legisladores da UE ponderaram cuidadosamente benefícios e custos associados a medidas alternativas no contexto de um mundo em rápida mudança, com tecnologia em rápida evolução. Como em todos os processos desse tipo, as opiniões divergiram, com alguns preocupados com o fato de as regras serem muito restritivas.

Porém, eu e muitos outros nos preocupamos com o fato de as regras não serem restritivas o bastante. Os gigantes da tecnologia ainda exercem muito poder de mercado, realizam pouca moderação de conteúdo e continuam a abusar dos direitos de privacidade. A situação está tendo sérios efeitos adversos na sociedade europeia, especialmente em seus jovens e em sua política democrática.

A questão que a UE enfrenta agora, no entanto, é diferente. Independentemente de suas opiniões sobre as regulamentações existentes, os europeus devem decidir se vão entregar sua soberania e seus processos democráticos a um populista autoritário intimidador que é apoiado (e muitas vezes dirigido) pelos próprios oligarcas tecnológicos dos EUA. Trump tem demonstrado consistentemente que está agindo no interesse de seus apoiadores mais próximos e familiares, não no interesse do povo americano e certamente não no interesse da Europa.

A esta altura, todos nós já devemos saber que a capitulação só levará a mais exigências no futuro. Não faz sentido ceder a um país governado por um presidente-rei sem lei, um homem movido inteiramente por obsessões pessoais, conceitos errôneos sobre economia e queixas injustificadas - e, portanto, insolúveis. Os valores europeus são importantes demais para serem trocados. Sim, pode haver custos de curto prazo em enfrentar Trump, especialmente para empresas que dependem do mercado americano. Entretanto, embora os economistas reconheçam há muito tempo que há ganhos com o comércio quando conduzido em termos justos, Trump está tentando extorquir o máximo de valor agregado possível das cadeias de abastecimento globais, o que significa que os ganhos para a Europa são muito reduzidos - e podem até ser negativos.

A UE tem força econômica para resistir às tarifas de Trump, especialmente agora que está investindo em rearmamento para vencer a guerra na Ucrânia. Além disso, as perdas decorrentes de ceder seriam muito maiores. Os princípios que regem o comércio internacional desde a Segunda Guerra Mundial são essenciais para que o comércio seja amplamente benéfico. Sem o Estado de Direito, os mercados não produzem resultados eficientes ou justos. O investimento seria desencorajado, o crescimento seria prejudicado e a democracia ficaria ainda mais enfraquecida.

Quando o presidente chinês Xi Jinping enfrentou Trump, o americano recuou. E, mais recentemente, o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva deixou claro que algumas coisas não podem ser comprometidas: a soberania, a dignidade, o Estado de Direito e a democracia de seu país. A UE deve fazer o mesmo. **(Tradução de Fabrício Calado Moreira)**

Joseph E. Stiglitz, ganhador do Prêmio Nobel de Economia, é ex-economista- chefe do Banco Mundial, ex-presidente do Conselho de Assessores Econômicos da Casa Branca e professor da Universidade de Columbia. Direitos autorais: Project Syndicate, 2025.

www.project-syndicate.org